

A MONARCHIA

Bi-Semanario

N.º 3-1916

1 de Fevereiro

DIRECTOR E EDITOR:

ASTRIGILDO CHAVES

PROPRIETARIO

COMPOSTO E IMPRESSO EM

A POLYCOMMERCIAL

R. d'Alcantara, 41-A a E—LISBOA

Toda a correspondencia para
os escriptorios provisorios

R. d'Alcantara, 41, 1.º E.

TELEPHONE 3562

Preço de assignatura: Serie de 26 numeros 500 réis para o continente, ilhas e ultramar. Extrangeiro o mesmo preço ao cambio do dia. Acrescem as despesas de cobrança. Avulso 20 réis. Anuncios: Convencional, sendo permanente, não sendo 30 réis a linha, pagina dividida em 3 columnas.



O Rei-Martyr

El-Rei D. Carlos

Mais um anniversario do nefando e barbaço crime... Faz hoje oito annos que foram arcabuzados traiçoeiramente pelas costas em plena cidade de Lisboa, o mais sabio, o mais generoso, o mais magnanimo e magnifico dos Reis portuguezes e seu gentil e querido filho S. Alteza Real o Principe D. Luiz Filipe. Está portanto de luto a nação; não ha ninguem de alma bem formada, que não se horrorize ainda hoje ao evocar a tremenda tragedia; não ha espirito acendrado de patriota, de portuguez de lei, que, agora mais do que hontem, depois de tanta vergonha e opprobrio por que Portugal tem deslustrado as quas gloriosas, não chore de magua e de desespero pela enorme perda que para a Patria representa a morte d'aquelle Grande Rei que foi D. Carlos.

A ambição desenfreada e o egoismo brutal que a decomposição constitucionalista foi gerando no seio dos partidos, — a tal gloria de mandar, a vã cubiça em que se foi transformando pouco a pouco o desejo civico ou patriótico de desinteressadamente e lealmente se servir o paiz, ao ponto dos partidos politicos redundarem em quadrilhas e as facções em velhacouto de bandidos allucinados, com as suas clientelas, os seus negocios, por pedra basilar e a pança por caduceu, — foram estes os véros factores que armaram os braços dos sicarios n'aquella tarde negra e infausta. Assasinarão o Rei, — não se lhe dando que os golpes vibrados no corpo régio, fizessem quasi succumbir o Reino e talvez a Patria... Assasinarão El-Rei D. Carlos porque o entranhado amor ao seu Povo e á sua Patria, fez com que o seu espirito forte e lucido architectasse toda uma yasta e soberba obra de Resurreição Nacional, que começando por acabar com «os erros que de longe vinham» e com a podridão mizeravel das quadrilhas, ergueria e reconduziria Portugal á senda gloriosa de um alto e prospero Destino.

Perante a Historia e perante a Nação, responsaveis por tão formidavel como reverso crime — áparte o partido franquista que leal e dignamente offereceu collaboração á obra egregia de S. Magestade — foram todos os partidos politicos.

O republicano e o dissidente, á frente; mas a culpa dos outros, que á vontade régia, tão pura, tão util, tão nacional, oppuzeram o bloco da cubiça, da continuação do «deixa andar» da politiquice-banca-de-negocio, a culpa d'elles não é menor. Todo o desprezo da nação para elles vai; e a Historia saberá enfiar-lhes o pescoço na gargalheira dos grandes criminosos.

Na França alguns dos regicidas que votaram na Convenção a morte de Luiz XVI, foram não só Duques e Príncipes no Imperio — o que não é de admirar — mas minis-

tros e Conselheiros de Estado na Restauração de Luiz XVIII! Na proxima Restauração, nós sempre queremos ver quantos regicidas portuguezes terão a audacia de subir as escadarias do Paço para, na sala do Throno, entre condecorações reluzentes mostrarem aos olhos de El-Rei e ao brio da nação as suas camisas e fardas salpicadas de sangue da victima, — do Martyr sublime da nobre, patriótica e gloriosa ideia de redempção nacional...

Se D. Carlos ainda vivesse e reinasse! Que fulgor astral irradiaria do Throno luso, que prosperidade e que gloria para Portugal! Não é difficil fazer um juizo, medindo todo o alcance da sua obra reformadora, colonial, e diplomatica, tão vasta tão grandiosa, com tão bons auspícios iniciada, e que hoje passados os dez annos que o Ministro dizia serem necessarios, estaria produzindo exuberantes beneficios! A tenacidade de João Franco seria inquebrantavel; o profundo saber, a perspicacia, a vontade firme do Rei e ainda a collaboração dedicada e carinhosa de S. Esposa muito amada, — que melhores garantias tinhamos de exito completo? Em que estado deixou elle a administração publica, as finanças, o exercito, as colonias, o intercambio internacional? Ah! meus amigos, meus amigos, tudo em ordem, um deficit quasi extinto, mas a valer, o exercito prestigiado e forte, as colonias desenvolvendo-se extraordinariamente, as potencias estrangeiras honrando-nos e respeitandono-nos como jamais! Quem não evoca, hoje, n'este desprezo universal a que somos votados, pelos Reis e pelos governos dos Reis da Europa, aquelle tempo ditoso em que os mais poderosos chefes do Estado aqui vinham saudar a patria portugueza e hospedar-se nos Paços dos nossos Reis!

Guilherme II, Eduardo VII, Afonso XIII, Loubet... Por sua vez El-Rei D. Carlos vae ás capitães da Europa levar, na sua gentil e respeitavel presença, o prestigio e como que já a resurreição do reino de Portugal. Todos o admiram, todos lhe rendem culto, sabios e artistas, monarchas e povos.

A sua visita a Paris foi de uma retumbancia tal que echoou por todo o mundo. Muitas vezes os soberanos das maiores potencias, veem pedir conselho ou, em graves pendencias, apellam para o arbitrio do Sabio, do Justo, do Prestigioso e Nobre Rei portuguez! A sua projectada viagem ao Brazil, traria tanta somma de beneficios ao paiz, como ninguem pôde calcular...

Se D. Carlos ainda vivesse e reinasse, decerto que actualmente, nesta luta tremenda em que a Europa se debate, — ou como mediano da Paz ou como valor na guerra, senhores, senhores! Elle saberia erguer bem alto o nome portuguez!

D. Carlos foi o maior Rei da nossa Historia.

Ajoelhae, regicidas, perante a sua augusta figura de Super-homem e de Martyr; e que o remorso do vosso infame assassinato, que enlutou a nação e anda lançando a Patria para um abysmo, vos atormente a alma por toda a eternidade!

D. Carlos I perante a historia

Na sessão parlamentar de 17 de Junho de 1908, contou o digno par sr. Conde de Arnoso, já fallecido, amigo intimo e, pelo visto, de antes quebrar que torcer, de Sua Magestade El-Rei D. Carlos e de Seu Filho o Principe D. Luiz Filipe, ambos, como todos nós recordamos, mortos traiçoeiramente e a tiro em pleno Terreiro do Paço e em pleno dia, a seguinte resposta dáda a um jornalista que instantemente lhe pedia, para o seu jornal um capitulo do livro que se dizia ter S. Ex.^a em preparação sobre os Augustos assassinados:

«Mais de vinte annos de constante convivencia com o martyrisado Rei arcegarão no meu espirito a profunda convicção de que o definitivo juizo da Historia será para a memoria d'El-Rei o Senhor D. Carlos a mais solemne e triumphante das consagrações.

«Se alguma duvida tivesse, com certeza empregaria o resto da minha vida a enaltecer-lhe a memoria, lembrando e fixando milhares de factos, todos em seu louvor e em sua honra. A Historia, porem, não precisará dos meus testemunhos. Tê-os-ha de sobra, e os factos, desapaixonadamente e friamente estudados, bastarão a impôr-se, dando a Sua Magestade El-Rei D. Carlos a impercível aureola que a consciencia de cada um principia já a divisar lhe».

Não ha duvida que o illustre secretario de El-Rei D. Carlos I tinha absoluta razão e perante os factos a historia tem realmente que fazer a Sua Magestade a mais solemne das consagrações.

D. Carlos foi um dos maiores, senão o maior diplomata portuguez, e de muitos dos maiores cientistas estrangeiros foi collega e amigo como amigo sincero era dos seus subditos e da sua patria.

Não obstou isso, dir-se-ha, a que a Inglaterra no humilhasse por mais d'uma vez e nos levasse bellos tratos de terreno. E' verdade; mas pôde alguem garantir que as humilhações impostas por essa potencia, e possivelmente por outras, não fossem muito maiores, muito mais graves, sem a amizade, diplomacia e valor do Monarcha? Não!

A prova temo-la n'estes cinco annos de regimen novo em que todas as grandes potencias nos tem tratado diplomatica e materialmente — mal.

D. Carlos não foi apreciado pelos Seus subditos como merecia, e os oradores de comicios e o dulce farniente dos homens dos partidos monarchicos são os responsaveis por esse facto.

D. Carlos era bondoso, ninguem que d'elle perto viveu o nega; incapaz de fazer mal, incapaz d'uma ordem despótica, tinha politicamente um unico grande defeito: — o seu amor á constituição que o forçava a reinar sem governar; mas mesmo assim, com todo este modernismo, com toda esta avalanche de legislação nova, com esta supremacia popular está o paiz em toda a sua vida externa e interna melhor que n'esses calamitosos tempos em que o sr. Antonio José d'Almeida, João de Menezes, Brito Camacho, Afonso Costa, Sá Pereira, e tantos outros, gritavam contra a degradação internacional do paiz, contra a incompetencia dos ministros, contra a carestia da

Os republicanos e a Inglaterra

vida, contra a indisciplina do exercito de terra e mar, contra as leis e tribunaes de excepção, contra, emfim, a miseria geral filha dos esbanjamentos do regime?

Ninguem que saiba o que diz e não seja faccioso — o afirmará

Alguna legislação operaria e social tem sido promulgada, mas nada que não coubesse dentro dos moldes do regime depositado, nada que elle não quizesse fazer e a que os republicanos não se oppozerem, porque não queriam a caça no mesmo terreno ..

E porque a não queriam? Porque não eram sinceros patriotas, porque só desejavam a supremacia do poder, para pelo menos, satisfazerem as suas vaidades.

El-Rei D. Carlos era um bello Rei, um Rei digno da estima da sua patria e que, não ha duvida, por ella morreu, pois por causa da projetada ressurreição nasceu o *complot* que O prostou e a seu Augusto Filho.

Paz á Sua alma e eterna saudade dos Seus subditos e admiradores.

Armenio Monteiro.

MISSAS

Sufragando a alma de suas magestades celebram-se hoje, que saibamos, as seguintes missas:

As 9 ¹/₂, na Igreja dos Martyres, pelo rev. mons. Miguel Ferreira.

As 11, na parochial da Encarnação, pelo Rev.^{mo} Senhor Arcebispo de Mytilene.

As 11 ¹/₂ na mesma igreja e com o mesmo fim, missa mandada celebrar pelo Sr. Manuel Amieiro.

As 11 horas nos Jeronymos, em Belem, pelo senhor prior da freguezia de Belem.

As 10 ¹/₂ da m. na egreja de Santo Antonio do Estoril, pelo rev. Avelino de Figueiredo.

As 11 ¹/₂, na Sé Nova, em Coimbra, missa mandada celebrar pelo Centro Monarchico Academico de Coimbra.

Em Vianna do Castello, capella dos sr. Viscondes de Montedor.

Dos nossos correspondentes

Carcavellos (Cascaes). — Ao iniciarmos as correspondencias d'aqui endereçamos os nossos cumprimentos a todos os que fazem parte da redacção e administração e em especial ao seu director.

De ha muito que n'este concelho se notava a falta de um periodico que defendesse esta malfadada terra de um bando de ambiciosos maus, que desde 5 de Outubro vem tripudiando, pondo em pratica, para atingirem os seus fins, os mais ignobeis processos.

Como sempre em nossos actos, seremos energeticos nos ataques pondo a descoberto muita cousa que o commodismo d'uns, a cobardia d'outros e ainda a forma cynica como outros que ainda hontem deviam favores á monarchia hoje são os seus peores inimigos, tem consentido que se faça.

E' necessario fazer-se a selecção para que amanhã não appareçam a alardear os seus serviços quem só tem em mira a sua barriga.

Temos muito que dizer e por isso não vacilaremos seja no que fór, ainda que a nossa vida ou liberdade corram perigo.

E ditas estas palavras, vamo-nos preparar para o ataque e até lá, que será breve, póde a *malta* descansar um pouco!

Até breve.

M. Oliveira.

Um dos argumentos que o governo achou para a apprehensão do livro do sr. Pimenta de Castro foi, dil-o o orgão da R. de S. Roque, haver n'elle paginas «em que nações amigas como a Inglaterra são tratadas inconvenientissimamente, por maneira injuriosa e despejada». Isto deu-nos no gollo de ir procurar aos archivos qual a maneira por que os seus publicistas e caudilhos, nos tempos ominosos, tratavam a sua fiel amiga e aliada. Começamos por Theophilo Braga, primeiro presidente da republica, que decerto ninguem accusará de germanophilo, embora elle se declare germanista. O leitor apreciará esses trechos arrancados ás Modernas Ideias na Litteratura Portuguesa, a proposito da intervenção durante as revoluções da Maria da Fonte e Patuleia.

«O modo como procedeu a Inglaterra, vê-se claramente no protesto do Conde das Antas de 31 de maio de 1847:

«Foi no dia 31 de maio de 1847, ás 6 horas da manhã, que trez vapores, uma corveta e quatro transportes foram cercados e aprisionados pela esquadra britannica, sob o commando de Sir Thomaz Maitland, sendo em seguida occupados pelas tropas britannicas, arriada a bandeira nacional, e intimados os portuguezes para que se considerassem prisioneiros de guerra, apoderando-se a força ingleza dos armamentos e munições. — Este flagrante ataque ao direito das gentes, e á independencia de uma nação, a mais antiga aliada da Inglaterra, não póde deixar de encher de indignação a todas as nações civilisadas do mundo, e a Inglaterra ha de ser a primeira a censurar a injusta aggressão e o revoltante procedimento do governo inglez, contra o qual e suas consequencias se lança o presente protesto.»

Era o cordeiro a protestar contra o lobo. Pelo seu lado a Junta do Porto protestava da maneira mais formal e solemne contra esta intervenção nos negocios domesticos de Portugal, que, como nação livre e independente, tem o indisputavel direito de se constituir politicamente, e governar-se pelas leis do paiz, e não impostas pela força das nações estrangeiras.

Portugal é reconhecido como uma nação independente, e não é provincia, colonia ou feudo de nenhuma nação estrangeira, nem a algum dos seus governos prestou juramento de fidelidade nem obediencia!»

(Pag. 70-71)

«A junta considera que um semelhante attentado, commettido em despeita da boa fé e lealdade, que se devia esperar d'aquellas grandes nações, é o maior que um governo civilisado podia commetter não só contra Portugal, mas contra a independencia de todas as nações expostas no futuro a semelhante e insolito procedimento...»

(Pag. 72).

«Esta terra, sob a qual exercem direitos de conquista, entregam-na á Inglaterra. As potencias europeias compartilham os opprobrios; a Inglaterra unicamente o proveito.»

(Pag. 73).

«A Inglaterra, que nunca fez descobertas maritimas, possui os territorios que a

tornaram a primeira potencia colonial que nos foram arrancados por tratados leoninos como o de Bombaim, ou por execuções brutae, ou ainda pela imbecillidade ou insanias moral dos nossos homens publicos; e a titulo de defender a nossa independencia, mascara com a mentira de *fiel alliada* a expolição com que desde o seculo XVII se converteu em grande potencia, tendo-nos constantemente perseguido, embaraçado na colonisação de Africa onde com certeza teriamos fundado uma grande nação, como o fizemos no Brazil, e divorciado dos povos hispanicos.»

(Pag. 113).

«... contra a humilhação e affronta nacional que a Inglaterra nos inflige constantemente com as suas intervenções, tratados e *ultimatums*, com o titulo desprezível de *nação protegida*, propôz Henrique Nogueira a solução que nos tornaria fortes e respeitados — a Federação.»

(Pag. 115).

Theophilo Braga.

A Parochial d'Alcantara

Quando da revolução *constitucional* de 14 de Maio, os republicanos do bairro de Alcantara, que se alcunham de livres pensadores, arbitraria e revolucionariamente tomaram conta da egreja parochial fechando-a ao culto.

Passada a natural efervescencia do calamitoso facto, parecia de razão que quem da direito mandasse reentregar as chaves de egreja ao respectivo parcho, poisque não era justo que os catholicos, tão cidadãos como os republicanos, não tivessem onde reunir-se para orar ao Supremo Creador, a Deus, seu protector e pae.

Tal não succedeu e até, coisa curiosa, se mandou instaurar um processo — que já tivemos em mão no ministerio da justiça e em que a commissão de separação no seu parecer, talvez por descuido, não disse a verdade — para justificar a venda do templo *por desnecessario!*

Desnecessario o templo parochial d'um bairro populosissimo como o de Alcantara, e em que ha, póde afirmar-se e até verificar-se pelas estatisticas, milhares e milhares de catholicos!

Crêmos bem que o sr. Ministro, será da mesma opiniao que o sr. Director Geral dos Cultos, e mandará reabrir o templo aos fieis que d'elle carecem, tendo assim praticado uma verdadeira obra de justiça e egualdade.

Os catholicos não affrontam os livres-pensadores, não provocam, não offendem. São em geral pessoas de bom porte, honestas e respeitadoras das opiniões alheias.

Dr. Martins Grillo

No proximo numero trataremos o assumpto d'uma carta com que este nosso preado correligionario nos honrou, e com a qual concordamos.

No que deram as fanfarronadas

De rojo, aos pés da Allemanha!...

Por mais que se callem não póde já agora passar em claro a famosa resposta do sr. Affonso Costa á nota diplomatica da Allemanha.

Servil e humilhante!... affirmava, ha dias, a *Liberdade* pela penna brilhante do seu bem informado correspondente em Lisboa, o escriptor sr. Joaquim Leitão e os dias foram passando e o governo não desmentiu tal affirmação.

E que a desmentisse, se a tanto chegasse o descaro, de nada serviria o desmentido que o jornalista monarchico não faria uma affirmação tão compromettedora e de tal responsabilidade, se não estivesse certo de que era verdade o que ia afirmar e escrever.

Bem verdade infelizmente!

A's fanfarronadas dos illustres defensores, dos discursos do sr. Leotte do Rego, á attitude dos governantes, a Allemanha respondeu com uma nota diplomatica, redigida em termos taes, que o sr. Affonso Costa só teve o tempo de enfiar para o auto e bater á porta da legação allemã, a pedir ao sr. Rosen que mudasse os termos á nota e lhe mandasse uma segunda. O sr. Rosen assim fez e a resposta do sr. Affonso Costa foi **o mais servil e humilhante**, assim o dizia a *Liberdade*, o nosso collega catholico do Porto.

Não se atreveram a desmentir e fizeram bem que teriam de engulir o desmentido.

Mas não páram por aqui as fanfarronadas... A *Capital*, o patrioteiro jornal democratico da noite que mais se distinguia nos ataques á Allemanha, injuriando o *Kaiser*, maltratando os seus subditos, volta, de subito, o rumo ao barco e cabe a fundo sobre a Inglaterra, accusando-a de ingrata.

O sr. presidente da Republica, entrevistado por um jornalista allemão, declarou-se grande admirador d'aquelle paiz e desfaz-se em cumprimentos e elogios aos germanos, á sua sciencia, aos seus homens etc. etc.

Por sua vez, pelo Anno Bom, o sr. Ministro da Allemanha vae a Belem deixar o seu cartão retribuindo os cumprimentos ao sr. presidente.

No que deram as fanfarronadas!...

De rojo, aos pés da Allemanha!!!

Então, não ha uma voz no Parlamento que se erga a pedir contas ao sr. Affonso Costa, ao Governo?

E já não fallamos dos representantes republicanos, que esses vivem agachados, apavorados, deante do governo e dos seus defensores, mas que fazem os tres representantes catholicos, que ao Parlamento foram mandados a defender os interesses do Paiz?

Em que situação se collocam esses senhores que não podem dizer que ignoram o que disse o seu órgão no Porto?

Então esses senhores querem ser tambem os collaboradores conscientes dos crimes da Republica?

Então esses senhores não chamam o sr. Affonso Costa á responsabilidade, por ter medo que aquelle senhor lhes bata o pé e os mande açoitár a cavallo-marinho pelos seus sicarios?

Pois calle-se quem quizer, que nós gritaremos ao paiz os crimes da malta e a covardia dos seus representantes!

No que deram as fanfarronadas!

O paiz ás ordens dos jacobinos, de rojo aos pés da Allemanha!!! Por culpa da Republica.

A. L.

O perigo hespanhol

Por certo os nossos leitores estão habituados a ouvir fallar do perigo hespanhol como sendo a espada de Damocles constantemente suspensa sobre a nossa cabeça.

Este jornal fundou-se na intensão de dizer a verdade dóa a quem doer, e a verdade n'este ponto é que o perigo hespanhol tem sido ignobilmente explorado por republicanos e monarchicos. Não ha mez, não ha semana, em que não appareça uma atoarda sobre o caso, mais do campo monarchico que do republicano. Pois o nosso presado collega A. B. C., de Madrid, põe a questão nos seus devidos termos no artigo que abaixo publicamos em hespanhol para que se não diga que o mutilamos, e lhanamente traduzido, para que todos os portuguezes o entendam. E vêr:

¿Cabe dolor mais amargo para un pueblo que la certeza, conjunta, del riesgo en que está la propia vida, y de la impotencia para defenderla? Pues tal es hoy la deprimente convicción que se está esparciendo por Portugal. Y yo no sé qué impresion más: si la crueldad con que ciertos elementos directivos salmodian á diario ese «morir habemos» cisterciense, ó la resignación con que tantos infelices dirigidos repiten «ya lo sabemos». La patria de Ribeiro, *filha do sol das primaveras, le aquem e de além mar senhora*, languidece en amarelento otoño, y cuando otea el Océano no sueña ya con ver tornar las gloriosas naos de Gama ó de Albuquerque; se le imagine divisar sobre un horizonte le pesadilla las velas negras de la barca de Carón. ¿Habria que no tener corazón ibero para no commoverse ante el ocase de un sol que en nuestra misma Peninsula tuvo su oriente!

Y el martillo agobiante es continuo. Hojead la Prensa: aquí se habla de Méjico como de una Arcadia feliz, menos expuesta que Portugal á mediación extraña; allá se recrean en describir «el abismo hacia el cual deriva el paiz». Donde se clama por «l apaciguamiento de las discordias políticas se las llama «crimen de lesa patria en estas horas críticas para la nacionalidad». Un día, un militar que regresa de Londres escribe que si no se presta cooperación á Inglaterra, «surgirán graves consecuencias, yendo tal vez hasta nuestra desaparición como nación libre». Otro, Juan Chagas, todo un ex presidente del Consejo y embajador en Paris, publica un folleto para ocuparse de la situación, tan comprometida, «que sólo un esfuerzo hercúleo de la opinión nacional la podrá salvar», y afirma que la desmaña de la política exterior «completamente nos elimina de la carta política de Europa, haciendo de Portugal un depósito clandestino de armas de guerra». Otro, jefes del Ejército declaran solemnemente que no se tiene *nada* para garantizar la defensa nacional. Otro, no en gacetas ni en softamas, en libros muy meditados, presienten los germanófilos que, si Alemania vence, Portugal expiará culpas que son de toda Europa; temen los anglofilos que, aun vencedoras Inglaterra y Francia, como no bastará reintegrar á Bélgica su integridad, sino que ha-

Ha por acaso dór mais intensa para um povo do que a certeza do risco em que está a propria vida e da sua impotencia para a defender? Pois tal é hoje a deprimente convicção que toma vulto em Portugal. E eu não sei qual mais impreciona se a crueldade com que certos elementos dirigentes psalmodiam diariamente esse «morrer havemos» ou a resignação com que tantos dos infelizes dirigidos repetem «já o sabemos». A patria de Ribeiro, *filha do sol das primaveras, de quem e de além mar senhora*, languidesce em amarelento Outono e quando olha o Oceano não sonha já com vêr tornar as naus do Gama ou de Albuquerque; imagina divisar sobre o horizonte as velas negras da barca de Caronte. Seria necessario não ler um coração ibero para não me commover ante o acaso d'um sol que na nossa mesma peninsula teve o seu oriente! O martelar agonizante é continuo. Vêde a imprensa: aqui falla-se do Mexico como de uma nação feliz, menos exposta que Portugal á medição extranha; além recreiam-se em descrever o «abismo para que o paiz marcha». Onde se grita pelo apaziguamento das discordias políticas chama-se-lhe «crime de leza patria n'estas horas críticas para a nacionalidade». Um dia um militar que regressa de Londres escreve que se não se presta cooperação á Inglaterra, «surgirão graves consequências, talvez até a nossa desaparição como nação livre». Outro, João Chagas, nada menos que ex-presidente de conselho e embaixador em Paris, publica um folheto occupando-se da situação do paiz, tão comprometida «que só um esforço herculeo da opinião nacional o poderá salvar» e afirma que a politica exterior «completamente nos elimina da carta politica da Europa, fazendo de Portugal um deposito clandestino de armas de guerra». Outros, chefes do exercito, declaram solemnemente que não ha *nada* para garantir a defesa nacional. Outros, não em gazetilhas nem em folhetos, mas em livros muito meditados presentem, os germanophilos, que se a Allemanha vence Portugal expiará culpas que são de toda a Europa; temem os anglophilos que ainda que vencedores a Inglaterra e a França, como não bastará reintegrar a Belgica na sua integridade, mas que haverá que pa-

brá que pagarle la gallardía homérica con que se opoz al torrente germano, y la indemnización de guerra no alcanzará a reponer las pérdidas de la Cuádruple, y ésta no ha de desprenderse de tierra suya para gratificar a los beneméritos belgas os nossos territorios surgirlhes-hiam á vista inmediatamente. Possuimos colonias, somos independentes, mas ¿qué nos valeria? ¿Por qué nao seremos nós, as victimas sacrificadas?... Y es tal la abulia, que hasta el espectro de la Gran Bretaña, recortándoles trozos del mapa, quizá en Angola, quizá en las islas, sabe Dios si en la propia metrópoli — todo ello como garantía sarcástica de la protección de lo que reste — llega á perfilarse en lontananza con una melancólica sugestión: la que hace atractiva, para quien está á las puertas de la amputación, la perspectiva de la pierna de palo, apoyo de su invalidez.

Sólo hay un medio—no se ha ocurrido otro mejor á los pintores de tan lúgubre cuadro—para que ante él no se rinda del todo el espíritu nacional: añadir á la pintura un personaje más. Toda ejecución necesita juez y verdugo. Los vencedores en la épica contienda serán, sí, los jueces del porvenir lusitano; podrá serlo Inglaterra, tal vez Alemania. Pero el verdugo, el ejecutor de altas justicias, tiene que ser *irremisiblemente* España. Nuestra neutralidad se presta dócilmente á que se nos atribuyan las más aviesas intenciones. Ora se nos supone favorito peninsular de la tornadiza Albión, dispuesta á permitirnos y quizá á aconsejarnos una guerra de conquista só capa de intervención, que la deje a ella manos libres para posesionarse de las colonias, á título de depósito; ora se sospecha que estamos en inteligencia con el Kaiser para coronar en Lisboa á D. Jaime, no sé si llevando á Mella como canceller y á Cirici Ventalló de secretario de la Real Estampilla, con carta blanca para decretar degollina de carbonarios. Lo del caso es fomentar la ojeriza á España.

gar-lhe a gallardía homérica com que se opoz á torrente germana, e como a indemnização de guerra não alcançará a repôr as perdas da quadrupla, e esta não ha de dar terra sua para gratificar os benemeritos belgas «os nossos territorios surgirlhes-hiam á vista inmediatamente. Possuimos colonias, somos independentes, mas que nos valeria? Porque não seremos nós as victimas sacrificadas?» E é tal o estado que alé o espectro da Grã-Bretanha, recortando-lhes pedaços do mapa, talvez em Angola, talvez nas ilhas, Deus sabe se na propria metropole—tudo com a sarcástica garantia de lhe proteger o que restar—, lhes passa pela mente como melancolica sugestão que faz atractiva para quem está ás portas da amputação, a perspectiva da perna de pau, apoio da sua invalidez...

Só ha um meio—não ocorreu outro melhor aos pintores de tão lúgubre quadro—para que perante tal perspectiva se não renda de todo o espirito nacional: juntar á pintura um personagem mais. Toda a execução necessita juiz e verdugo.

Os vencedores na épica contenda serão, sim, os juizes do futuro lusitano; poderá sel-o a Inglaterra, talvez a Alemanha. Porrem o carrasco, o executor de alta justiça, tem que ser *irremisivelmente* a Hespanha. A nossa neutralidade presta-se docilmente a que nos attribua as mais avessas intenções. Ora nos supõem favorito peninsular da volúvel Albion, disposta a permitir-nos, e quem sabe se a aconselhar-nos, uma guerra de conquista só capa da intervenção, que a deixe a ella com as mãos livres para tomar posse das colonias, a título de depósito; ora se suspeita que estamos em intelligencia com o Kaiser para corôar em Lisboa D. Jayme, não sei se levando Mella como canceller e a Cirici Ventalló como secretario de Estado, com carta branca para decretar a degola dos carbonarios. O caso é fomentar a inimizade contra a Hespanha.

(Continua no proximo numero).

Lá por fóra

ECHOS DA GUERRA

Mais um!

O Montenegro capitulou! Mais um paiz que a voragem da guerra devasta! Bateiram-se como leões, depõem as armas como heroes!

Quem poderia esperar d'um paiz pequenino, árido, montanhoso, falho de vias de comunicação, maior, mais heroica resistencia? Humanamente impossivel!

O Montenegro caiu, mas, como os outros seus irmãos de infortunio, ficou de pé perante a historia, que nunca assistiu a outro equal morticínio...

Bilhetes do thesouro inglez

Segundo um radio de Berlim que lemos

em jornaes estrangeiros, o ministro da fazenda inglez propôs em Conselho a criação d'um papel do thesouro no valor de uma libra esterlina, pagavel integralmente, beneficiando d'um juro de 3 a 4 % e de um premio annual de 20 a 40 mil libras.

Com este papel julga Mr. Mac Kenna fazer face ao orçamento de guerra de 1916.

Balanço de guerra

Segundo dizem de Berlim, as potencias centraes no começo do corrente anno tinham em seu poder pertencentes aos aliados: 470.000 kilometros quadrados de terreno, tres e meio milhões de prisioneiros, dez mil canhões, quarenta mil metralhadoras e muito outro material.

Das industrias francezas teem em seu poder a mais importante, toda a da Belgica, Servia e Polonia.

Novo bloqueio

Segundo o novo accordo dos aliados vae ser apertado o bloqueio contra as potencias centraes, sendo applicado aos paizes neutraes o principio da «consignação final».

Banir por completo o commercio directo ou indirecto com esses paizes é o fim a conseguir.

Ah! mas o fructo prohibido é tão appetecido que nós crêmos bem que esse commercio continuará simplesmente com mais lucro para o intermediario...

A chimica na Alemanha

Ninguem ignora o medonho dispendio de projecteis que fazem os paizes em guerra, nos quaes se emprega em muita quantidade o algodão.

Os imperios centraes ha muito já que teem absoluta carencia d'elle, e preciso foi substitui-lo.

Os chimicos, especialmente na Alemanha, teem desenvolvido uma actividade talvez unica na historia, e entre as muitas descobertas e adaptações que fizeram e fazem, não foi para o caso a menos importante a substituição do algodão nos explosivos.

Ha 8 mezes o algodão está completamente substituido por uma especie de cellulose tirada das madeiras d'uns bosques. O nitrato de soda que tambem lhes faltava, extraem-n'o do ar atmosferico e a canfora, que tambem empregam, produzem-na artificialmente.

Enfim, para não citar muito, basta dizer que os ovos para usos culinarios estão substituidos por um producto que dá aos pasteis, doces, etc., a consistencia, paladar e apparencia dos ovos verdadeiros.

O que faz a necessidade!

Tratado de commercio com Portugal

O ministro da fazenda hespanhol, está preparando o projecto do tratado de commercio Hispano-Portuguez, que segundo calculamos estará em vigor .. logo depois da reposição do regimen monarchico...

Tratado com a Alemanha

Caduca em breve o tratado de commercio entre Portugal e a Alemanha, se os sabios que nos governam tiverem feito a necessaria denuncia no prazo estipulado no artigo XXV.

Talvez o achem uma maravilha e o deixem continuar...

Correspondentes

Aos nossos correlligionarios da provincia pedimos se dignem escolher e indicar-nos correspondentes para este jornal.

Almanack Monarchico para 1916

Preço 100 réis

À VENDA EM

A POLYCOMMERCIAL

Rua d'Alcantara, 41

A Bandeira

Ha dias á porta do Marquez, no Chiado, um grupo de rapazes «chics» monarchicos, virou as costas á bandeira nacional. Dil-o o Paiz que o ouviu a um deputado da maioria.

Em termos limpos lastima o facto e por isso a elle nos referimos.

Não ha duvida que a nossa bandeira é outra, tão outra como o nosso ideal politico; mas não ha duvida que a actual foi reconhecida pelos extranhos como sendo a bandeira nacional e que por isso mesmo, ainda que contrariados e pezarosos, devemos-lhe respeito.

Acaba, porem o Paiz a sua prelecção por forma que faria rir o mais sizado.

Os republicanos, diz, são creaturas que, sob a monarchia, se descobriam deante da bandeira azul e branca. E agora nem dizem a mais pequenina coisa aos que se não descobrem deante da bandeira verde e vermelha.

O Paiz terminou a mangar e não quiz que os rapazes chics ficassem mal impressionados com a sua arengal!..

Pois houve nunca ninguem menos respeitador que os republicanos, genericamente fallando?

Quando é que no tempo da monarchia se forçou quem quer que fosse a levantar-se para ouvir o hymno nacional?

Quando é que no tempo da monarchia se davam aquellas bellas scenas do Rocio e Avenida?

Os republicanos prudentes, e respeitadores dos sentimentos alheios... só se fór o director de O Paiz...!

Memorandum

Ao Ex.^{mo} Senhor Senador Paes Abranches:

Porque V. Ex.^a tem uma cadeira onde, em epochas varias da grandeza do Portugal parlamentar, a tiveram vultos a quem o parlamento de hoje nem sequer faz uma nesguita de sombra, lhe escrevo este «Memo».

Aquelle artigo de V. Ex.^a do qual a força das circumstancias fez transcrever uns retalhos, é um libello formidavel não ha duvida; mas... porque é que tendo V. Ex.^a aquelle logar a que acima me reporto, não fez de viva-voz ali, onde tinha obrigação de o fazer, esse formidavel estendal?

Nós, jornalistas, não temos outra tribuna, é esta a nossa camara, indubitavelmente maior, de mais ampla resonancia do que aquella a que V. Ex.^a pertence — mas nossa!

V. Ex.^a elevado por graça do governo, do seu chefe politico ou dos seus concidadãos a esse organismo official e superior — tem que utilisar a tribuna oratoria para tudo quanto seja funcção politica, tomando o termo na sua mais ampla significação... Por que o não fez?

Mêdo?!

Sabe-se, não ha duvida, que ha bem pouco um deputado que pretendia tratar na camara certo escandalo de fuga, com burla, abuso de confiança e não sei que mais, foi ameaçado de *desapparecer* se no assumpto tocasse...

Sabe-se, mas... V. Ex.^a, sr. senador, teve por acaso algum espirito santo de ouvido no genero ou algum ataque de mêdo?

O que se deu, illustre senador companheiro do assassino de Ignez de Castro?

Mac.

"A Belgica Heroica,,

Pedro Muralha — modesto.
SS. EEx.^{as} os gá-gás illustres!

Não é de agora esta deploravel e mesquinha instituição do *elogio-mutuo*. Já Theophilo Braga nol-a aponta e a castiga como talisman da escola Coimbra, néo-romantica. Mas actualmente o desaforó é maior; attinge as proporções de um escalracho que urje arrancar a bem do decoro, da dignidade professional, da intellectualidade lusa.

Illustre, é termo nosso, com que, em boas éras atraz, se veneravam duas fidalguias distinctas, a da Inteligencia e a do Sangue. Mais aquella, pois que illustre significa — douto — e doutos são só os que alcançam distinguir-se na sabedoria humana.

Com propriedade, justeza do termo, illustres são apenas os aristocratas da Inteligencia. Admitte-se que os da escola Coimbra uzassem do elogio mutuo, a um exclusivismo aváro, pois que alli toda uma pleiade de notaveis, vaidosa do seu saber, desabrochou; mas hoje...

Hoje é-se illustre por conveniencia do partido politico a que se pertence, porque se o partido, for formado todo de homens illustres, alcança o respeito do povo e a confiança da... corôa. E' illustre o sr. Conselheiro, illustre o conde, o bacharel, o jornalista, o regedor partidario da freguezia... São illustres os nossos alfayates, os nossos barbeiros, o creado do sr. Marquez, a sopeira do nosso ministro. Ha bachareis mais analfabetos que um marçano, mas são illustres.

Ha senhores jornalistas que mal sabem escrever os seus nomes, e bem pode dizer-se — que assignam de cruz, mas são illustres. Jornalistas então!... Ha redacções que, aparte uma unica figura de relevo, são — uma perfeita miseria! Mas são todos illustres, desde o que escreve no fundo ao que varre as salas da redacção.

Vem isto a proposito da maneira como a imprensa se referia á pessoa do Sr. Pedro Muralha, que alcançou um bello triumpho, distinguindo-se bem na sua geração, pela adopção que a Belgica fez ao seu ultimo trabalho litterario. O homem que, pelo seu trabalho e pelo seu estudo, consegue assim impor-se lá fóra, como não ha memoria, cremos, de caso identico, — honra para Portugal — é pelos seus compatriotas qualificada de modesto, modestissimo portuguez...

Que o illustre Pedro Muralha lhes perdoe e receba, n'um abraço, as nossas mais vehementes felicitações.

Subsistencias

Em Lisboa e em varios pontos do paiz, houve na noite de 29 para 30, gráves, gravissimos acontecimentos.

A elles nos não referimos hoje circumstanciadamente por não haver ainda elementos seguros de juizo.

Foi o povo com fome?

Foi gente aliciada pelas opposições republicanas?

Não se sabe ainda; mas pela hora a que aqui e alli se deram os casos parece tratar-se d'um *complôt*.

Irão os monarchicos pagar aquillo em que não intervieram?

O Mundo já no domingo dava a entender isso...

Nós somos o tambor... do que elles fazem!...



Ralham as comadres saltam as verdadeas...

O sr. Joaquim Carmo, revolucionario do 14 de maio, agora preso no Limoeiro, á ordem dos seus camaradas de revolução e comité, está publicando no Paiz uma série d'artigos algo elucidativos sobre a moralidade dos srs. democraticos...

Ha dias perguntava ao sr. Antonio Maria da Silva, se elle sabia quem era uma senhora que tinha alagardado mil e oitocentos contos das congregações religiosas...

O sr. Antonio Maria da Silva não respondeu, mas toda a gente por ali diz que quem é ainda não fugiu para a Suissa, mas traz por lá já gente muito intima esgueirada ao Limoeiro.

Quem será?

Querem saber o que respondeu o sr. Juiz de Investigação Criminal ao Director de O Paiz sobre as apprehensões do seu jornal?

Pois leiam que não perdem o tempo... E' um mimo:

«O governo resolveu, no sabbado, apprehender todos os jornaes que transcrevessem trechos do livro do sr. Pimenta de Castro.

Tendo sahido o «Paiz», transcrevendo algo d'esse livro, foi apprehendido.

A «Capital» que do mesmo modo transcreveu, não foi apprehendida porque escapou á sua attenção. No domingo de manhã, o governo resolveu deixar ao critério do sr. Juiz de Investigação Criminal o permittir ou não a circulação de qualquer jornal, que do livro fizesse transcripções.

Segundo o sr. Juiz de Investigação a «Capital» de domingo poudé circular.

Hontem o governo reconsiderou e entendeu que todo e qualquer jornal que transcrevesse o que quer que fosse d'esse livro, fosse apprehendido, e era entidade bastante para resolver, o agente encarregado d'esse serviço.

Eis porque foi apprehendido o «Paiz» de hontem.

Isto não se acreditava se não fôsse dito por um magistrado que deve ser, e nós crêmos que é, serio...

Isto é positivamente um paiz unico, extraordinario, inegalavel!

No sabbado: apprehenda...

No domingo de manhã: apprehenda se quizer...

Na segunda: apprehenda...

Parece a teia de Penelope!

A que isto chegou! Que miseria!

Os senhores lembram-se por certo d'aquelles tempos luminosos da propaganda em que os próceres d'hoje promettiam ao Zé estático ante tanto «saber» o bacalhau a 120 reis e a sardinha, pelo menos, dáda...

Pois para tudo ser á inversa do promettido até o peixe espada (aquelle peixe-espada municipal que tão parcimoniosamente a monarchia distribuia e com tanta injustiça que esses palradores comicieiros, gráidos, nunca comeram), que seria exterminado por indigno d'um povo livre, tem augmentado e embaratecido...

Meia volta... toma Theresa!

Agora fala-se em greve geral, em movimento ferro-viario, e... tudo de prevenção!

Mochila às costas, cartucheira cheia e loca a manter a ordem... a tiro!

O peor é que os grevistas conhecem também perfeitamente o fabrico e uso de artillaria cvil! Safa com a tal Fraternidade.

Não ha ninguem, absolutamente ninguem que em 5 de Outubro não estivesse doidinho pela Republica, dil-o O Paiz com aquela semcerimonia peculiar nas gentes lá da grei; mas suposto que aquillo era assim a bebedeira passou e agora é isto:

2.º "Porque a presença, junto do monumento dos vencidos, dos homens de Estado que mais tem contribuído para a deprimida condição de vassalagem em que o paiz se encontra em face da Inglaterra — «Offerendo-lhes, contra as bases da Alliança, a vida, a riqueza e a orphanada de muitos portuguezes, como quem dispõe de haveres proprios, — affronta o ideal dos martyres de 1891, que entoaram a «Portuguezas» em solemne revindicta contra o vexatorio «Ultimatum» inglez»

E sabem quem foram estes senhores assim apeados do pedestal homérico da sua supremacia politica? Nem menos que os srs. Affonso Costa e Bernardino Machado e todos os marechaes republicanos!

E sabem quem assim os apeou? A minoria socialista da Camara Municipal do Porto, apresentando em sessão senatorial uma moção que toda afina por este diapação!...

Ha que confessar que a Monarchia não esperava tão retumbante desforra.

Que... aqui para nós, ainda mantemos a opinião de que estes cavalheiros hão de ser lapidados pelos seus proprios correligionarios...

Ensina-no-lo a historia, a grande mestra da vida! E quem viver verá!

Mas estes amores ingleses ainda des-cambiam em... divorcio! mais certo que três e dois serem cinco!

Mac.



Liga Naval Portugueza

No proximo sabbado, 5, ha na Liga Naval um concerto excepcional em que vae tocar cravo o Ex.º Sr. Hernani Braga.

Sobre esse instrumento tem o programma a seguinte interessante descripção:

O cravo do Ex.º Sr. Hernani Braga é o unico *clavecin* da casa Erard de Paris que existe em Portugal, e apenas foi ouvido no Paço das Necessidades em 4 e em dois concertos historicos no Salão do Conservatorio de Lisboa em 3 e 5 de maio de 1906, e em casa do Ex.º Sr. Conde de Sabugosa a 21 de fevereiro de 1910. E' portanto uma novidade quasi geral para os Ex.ºs Socios da Liga Naval Portugueza que terão agora occasião, por deferencia especial do eximio professor pianista e cravista, Ex.º Sr. Hernani Braga, de ouvir n'elle composições de Mozart, Bach, Martini e Rameau e apreciar este seu magnifico instrumento.

Este *clavecin*, de 5 oitavas, sahido das importantes officinas Erard foi, por assim dizer, o renascimento do antigo cravo, que batêra em retirada no primeiro quartel do seculo XIX ante o piano de martellos. Deriva do *clavecin à peau de buffle*, de Paskal Taskin e tem, como este, alem de pennas de corno, um *feu de buffle* (linguetas de couro de bufalo) que fere as cordas, produzindo um som mais suave do que o vibrado por aquellas. Os teclados são dois, e os antigos registros lateraes, que estabeleciam a ligação dos dois jogos e das oitavas, são n'este *clavecin* substituídos por seis pedaes, produzindo multiplos efeitos e combinações. Um d'estes é destinado à surdina. Com o auxilio d'estes pedaes e dos mecanismos por elles postos em acção, entre os quaes o da surdina, consegue-se graduar a intensidade do som, corrigindo assim um defeito notavel dos antigos instrumentos congeneres e também uma interessante variedade de timbres.

Echos & Commentarios

O "28 de janeiro,, e ... os seus heroes

Este anno é um tal cidadão Zé do Valle, morador na adegã do Manuel dos Passarinhos — como o sen collega A. J. V. é na giginha de S.º Antão o panegyrista da revoluçuncula do 28 de Janeiro. «Evocação de horas de febre e de esperança» epigrapha elle o artiguelho.

«Que horas tão intensamente vividas, diz, à espera do signal redemptor. A redacção do Mundo era um foyer revolucionario.

João Chagas, com a sua grande serenidade, distribuia armas, ensinava a manejar as França Borges, — ó santa memoria de França Borges! — com a sua redacção cercada de policia, aguardava com a sua impassivel e confiante serenidade de forte, os acontecimentos.

Presos os primeiros luctadores, nem por isso o movimento paralyso. Surgiu um homem a tomar a sua direcção — Affonso Costa.»

E assim se falsifica a historia... Surgiu um homem, como quem diz — um heroe!

A serenidade forte do outro, tambem não é má... Pois deixem estar que nós haremos de reduzir à espresão mais simples tanta fortaleza e tanta heroicidade. No proximo numero, agora não estamos para isso, nem o dia é azado. Basta por hoje que digamos que s. s. serenidades fortes e heroes prejudicaram e comprometteram a revolução, entregando-se à prisão a meia duzia de policias, sem lucta, vergonhosamente, no Elevador da Bibliotheca!

O heroe até tinha os queixos rapados; e de chapueo desabado sobre os olhos, procurava esgueirar-se, arteiramente, dando-se ar de quem nada tinha com o caso... mais tarde havia de reincidir na celebre heroicidade do coupé 44. O tal da serenidade dos fortes, esse, por signal até escreveu da prisão uma carta de namoro ao Juiz de instrucção!... Não será assim?

Mas como não ha nada como o preto no branco, vamos lembrar os esquecidos, publicando no proximo numero a dita carta, as memorias do carcere do tal Homem, que appareceu, desapareceu, e... outras coisas mais.

Theatros

Recebemos uma carta d'um assignante em que nos perguntava «porque nada dizemos sobre theatros, nem «annunciamos espectaculos».

São varias as razões. Via de regra as empresas theatraes julgam ter comprado o jornal com o fornecimento d'uma cadeira, chegando às vezes os bilheteiros a ser pouco delicados com quem apresenta a requisição; depois querem ainda que as criticas sejam feitas de forma a respeitar-lhe os interesses industriaes...

Não nos serve! O que a empresa do Gymnasio fez ainda ha pouco ao «Jornal de Commercio e das Colonias» não se dará commosco...

Quando quizermos ir ao theatro pagamos a entrada como qualquer cidadão, e a critica far-se-ha consoante o que julgarmos ser justo.

Por seu lado as empresas que julguem necessitar do annuncio n'este jornal — paguem.

Neste ponto vamos pelo figurino estrangeiro... A troca do bilhete pelo annuncio sendo desvantajosa para o jornal é ainda reputada uma esmola...

Monarchia nova... habitos novos... e... honestos!

Contos da Carochinha

Para creança

Preço 100 réis cada volume. A' venda em

A POLYCOMMERCIAL

Viva a pandega!

Porto, 28.—Proseguem com grande actividade os trabalhos preparatorios para receber a visita do sr. presidente da Republica por occasião da comemoração aos vencidos do 31 de Janeiro.

No palacio da Bolsa estão já quasi decoradas pela casa Venancio do Nascimento & Filho as dependencias que ali vai occupar o sr. dr. Bernardino Machado e seus secretarios particulares.

Na estação de Campanhã está ornamentada uma sala da 1.ª classe por onde sairá o chefe do Estado á sua chegada.

Chegou hoje ao Porto a destinta cantora D. Judice da Costa, que vem tomar parte no concerto que na noite de 31, por iniciativa da camara, se realiza no Salão Jardim da Trindade.

A recita do gala pela companhia da Republica, no theatro Aguiã de Ouro deve revestir desusado brilho.

O espectáculo organizado pelo Club Fenianos Portuenses, que na noite da festa será visitado pelo sr. presidente da Republica a quem será servido um delicadissimo copo de Agua.

«... Aqueles que devem à pobreza amor divino, e ao povo caridade, amam somente mandos e riqueza, simulando justica e integridade: da fea tyrannia e da aspreza fazem direito, e vam severidade:

(Do Cantão Camoniano dos Luziadas no primeiro anniversario de 31 de janeiro de 1891, por Pereira Caldas).

Porto, 28.—A divisão naval que vem ao Porto, por occasião das festas, desembarca no domingo, ao meio dia, em Leixões, 300 praças que virão em comboio especial para o Porto, a fim de tomar parte na parada militar á passagem do sr. presidente da Republica e na segunda feira tambem virão encorporar-se no cortejo civico.

«Deu signal a trombeta,..... horrendo, ferro, ingente, e temeroso: o Douro..... atraz tornou as ondas de medroso: e as mães que o som terrivel escutam, aos peitos os filhinhos apertaram!

(Ibd., Ibd).

Aviso

Contra o habitualmente estabelecido, este jornal não fará a cobrança adiantada, cobrando só no vencimento da assignatura.

Tambem não será enviado a ninguem que nos não peça o seu envio.

Segundo fôr a aceitação que tiver, assim será o seu desenvolvimento.

Pedimos, pois, a todos os correligionarios a finesa de fazerem a sua propaganda, a bem da causa que defendemos.

A todos quantos se dignarem coadjuvar-nos, reconhecidamente agradecemos.

Rocha Martins

D. MANUEL II

Memorias para a historia do seu reinado. Edição profusamente illustrada com as scenas principaes dos acontecimentos politicos.

D'esta obra historica, documentada e imparcial, é hoje, posto á venda o primeiro tomo.

Pedidos á Typographia José Bastos

R. d'Alegria, 100 — LISBOA

Brevemente: **A LOUCURA JACOBIÑA**

POR ASTRIGILDO CHAVES

I — Um Bragança não foge!

II — O Massacre do Tenente Soares.

Tiragem limitada, edição de luxo, illustrada. Tomo **200 réis.**

Pedidos acompanhados da respectiva importancia, dirigidos a esta administração.

A POLYCOMMERCIAL

Rua d'Alcantara, 41-A a 41-E — LISBOA

Estas officinas estão aptas a executar os mais difficeis e os maiores trabalhos, pois possuie machinas como nenhuma outra.

Machina de compôr.

Machina de dobrar folha impressa.

Machinas de coser a arame e a linha, lombadas de livros.

Machinas para trichromia.

Machinas para dourar a quente e a frio.

É muitas das outras machinas de uso vulgar n'esta industria.

Papelaria, Livraria, edições proprias e alheias

Tipographia, Encadernação e Estereotypia

CARIMBOS DE BORRACHA

TELEPHONE 3362

Tem pessoal que vae a casa dos clientes